

VICTORIA VAN TIEM

cadê meu, herói?

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Capa

Leticia Quintilhano

Diagramação da versão impressa

Juliana Brandtl

Júlia Moreira

Título original *Holding out for a Hero*

ISBN: 978-85-7686-809-5

Copyright © Victoria Van Tiem, 2016

Publicado originalmente em 2016 pela Pan Books, um selo da Pan Macmillan.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

V297c

Van Tiem, Victoria

Cadê meu herói? [recurso eletrônico] / Victoria Van Tiem; tradução Débora Isidoro. – 1. ed. – Campinas [SP]: Verus, 2020.
recurso digital

Tradução de: Holding out for a hero

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-809-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Isidoro, Débora. II. Título.

19-62026

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

"Close my Eyes Forever",
Ozzy Osbourne e Lita Ford, 1989

*Para meu eterno amigo dos anos 80,
Joe (Lynch) Grassi,
1970-2014*

Sumário

Prólogo

1 | Clube dos cinco

2 | "Pretty in Pink", Psychedelic Furs, 1981

3 | "Who's That Girl", Madonna, 1987

4 | O Cérebro

5 | "West End Girls", The Pet Shop Boys, 1985

6 | "Are We Ourselves?", The Fixx, 1984

7 | "If You Leave", Orchestral Manoeuvres in the Dark, 1986

8 | "True", Spandau Ballet, 1983

9 | O Atleta

10 | "Shout", Tears for Fears, 1984

11 | O Criminoso

12 | "Tainted Love", Soft Cell, 1981

13 | A Princesa

14 | "Talking in Your Sleep", The Romantics, 1983

15 | "Burning Down the House", Talking Heads, 1983

16 | "Should I Stay or Should I Go?", The Clash, 1982

17 | "Devil Inside", INXS, 1987

18 | "Weird Science", Oingo Boingo, 1985

19 | "St. Elmo's Fire", John Parr, 1985

20 | "Holding Out for a Hero", Bonnie Tyler, 1984

21 | "Don't You Forget About Me", Simple Minds, 1985

Epílogo

Algumas palavras da Victoria...

Agradecimentos

Prólogo

MEU ANIVERSÁRIO PAIRA SOBRE minha cabeça como a corda de uma forca.

Seria melhor pular a comemoração e tirar o dia de folga. Sou como Cameron em *Curtindo a vida adoidado*: oprimida, esgotada e seriamente pessimista em relação à ideia toda. Eu costumava discutir esse filme sem parar com Ollie, o irmão mais velho da minha melhor amiga, quando éramos adolescentes. Ele jurava que o dia inteiro no filme era uma ilusão criada pelo doente e deprimido Cameron.

— É uma teoria maluca que roda por aí, mas eu concordo — ele dizia com absoluta certeza. Oliver adorava discutir.

E eu adorava dar corda para essas discussões.

— Sim, ele estava infeliz e a sequência de eventos na linha do tempo é impossível, mas isso não prova que o Ferris era só um produto da imaginação do Cameron. Quer dizer que todo mundo era de mentira? E *por que* ele faria isso?

Eu conseguia ouvir seus passos e o imaginava do outro lado da linha, de olhos arregalados e gesticulando. Adorava quando ele ficava desse jeito. Adorava tudo nele.

— Eles são reais, Libby, mas não no contexto da fantasia do Cameron. Ele criou o Ferris, ou essa versão dele, pelo menos, porque precisava disso. Precisava de um herói.

Nesse momento, *eu* preciso de um herói. É sério. Cadê o meu cavaleiro em seu corcel de fogo? Não precisa ser forte, rápido nem ter acabado de sair de uma luta; ele só precisa ser maior que a vida e

capaz de salvar a minha. Que está uma confusão. Mas eu não poderia ter previsto minha situação agora.

Ninguém poderia.

1

Clube dos cinco

Duas semanas antes

SOU MAIS OU MENOS bem-sucedida, e estou mais para ferrada que qualquer outra coisa. Não é à toa que não tenho fome.

— Libby, vai comer isso aí? — Dora se inclina, desequilibrada, para espetar com o garfo a panqueca em que nem toquei. Normalmente ela é magra e tem pernas compridas, embora seja baixinha, o que me deixa muito confusa. É como se a metade de cima do corpo tivesse uma ideia, e a de baixo, outra. Mas grávida? Ela é um João-bobo, balança e tem que sentar de novo. É esquisito assim mesmo.

Dora sorri com a boca fechada enquanto mastiga, depois olha para as minhas salsichas de peru. *Tanto faz*, também não quero. Empurro o prato.

Estamos em volta da mesa, Dora, Dean, eu e Finn. Com exceção de Dean, praticamente crescemos juntos. Bem, e Ollie, irmão mais velho de Dora, mas aos sábados somos só nós quatro. A Shermer's na East Broadway se tornou uma espécie de ritual de café da manhã, e é sempre um acontecimento. Nosso encontro semanal abastecido pelas melhores panquecas de Nova York normalmente envolve notícias e fofocas, mas não qualquer fofoca, tem que ser algo incrível que possa mudar a vida de alguém. Hoje, infelizmente, não é exceção.

— E aí, Libby, onde vamos fazer o superevento do seu aniversário? — Dora pergunta depois de engolir uma garfada bem grande. Suas bochechas estão coradas e brilhantes, sinal de agitação. Também podem ser os hormônios.

Recostada na cadeira, ajeito minha coleção de pulseiras de plástico e olho desconfiada para ela. Sei que eles já planejaram tudo.

— Vocês sabem que eu não ligo para aniversário, e trinta e três anos não é um marco que a gente deva comemorar. Para que se incomodar? Além do mais, ainda faltam duas semanas, e temos coisas mais importantes para pensar. — Olho para Dean ao lado dela. — Como o bebê e o casamento.

Dean sorri e levanta a mão de Dora para mostrar o anel brilhante feito sob medida, que finalmente chegou. É um diamante maravilhoso, para quem gosta desse tipo de coisa.

Finn olha para o anel com indiferença, afinal eles não aceitaram sua fabulosa recomendação. Pessoalmente, eu queria recomendar um ferro elétrico para Finn. Porque, meu Deus, a camisa dele parece que foi enfiada na gaveta assim que saiu da secadora. E o cabelo loiro, sempre penteado para trás com gel, está um horror. Meu palpite? O sr. Social ainda não dormiu. Normalmente ele é um advogado elegante de Nova York, mas hoje parece que é ele quem está precisando de um.

Dora estreita os olhos, ignorando seu mau humor.

— E qual deveria ser o nosso tema?

— Do chá de bebê ou do casamento? — pergunto, bebendo um gole da minha água com gás, sabendo que ela está se referindo à minha festa. A que não pretendo fazer. A que sei que ela está planejando.

Dora está na segunda volta do círculo matrimonial, e eu nem passei pela primeira. Chego a sonhar com mentir nos encontros, morro de vontade de dizer que sou divorciada e o casamento acabou mal. De algum jeito, isso parece melhor que explicar a verdade: eu *nunca* me casei. As pessoas simplesmente não entendem minha absoluta falta de interesse. Meu ex fictício se chama Rupert.

Ele era um ogro, mas muito bonito. Eu não consegui resistir ao seu charme, até que... A partir daí a história muda, dependendo de quanto eu já tiver bebido.

— Esquece o casamento — diz Dora, depois recua e se desculpa com Dean, que nem estava prestando muita atenção. — Pelo menos por enquanto. Ainda temos muito tempo para isso, certo? — Ela se aproxima, inclina a cabeça de cabelos escuros e dá um beijo inocente na bochecha dele, deixando uma marca pálida de batom vermelho.

— O tema deveria ser renascimento e renovação — Finn sugere de um jeito dramático. Ele é um provocador e só fica satisfeito quando agita as coisas.

Dora rouba uma fatia de bacon do prato de Dean, assente para Finn, morde um pedaço e aponta para o meu rosto o que sobrou.

— E tem que ser borbulhante de divertido.

— Eu não borbulho, Dora. — A menos que fique muito tempo ao ar livre. Minha pele clara e cheia de sardas reage violentamente e fica toda empipocada.

— Verdade. E você também não é muito divertida — Finn comenta com um aceno de cabeça. — Mas tem que se entregar a esse momento de reviravolta, Libbs.

O que revira é meu estômago. Tem alguma coisa no ar. Eles estão se olhando e assentindo. Bebo água tão depressa que o gás sobe pelo meu nariz.

— Tudo bem, é o seguinte... — Dora estende as mãos em direção às minhas e dá uns tapinhas nelas. — Não sei como começar, na verdade. — Respira fundo, afaga minha mão com mais firmeza. — Nós só... Bem, Libbs, a gente entende, é claro, mas todo ano, perto do seu aniversário...

— Você fica antissocial e carrancuda — Finn resmunga.

— E isso não está melhorando — Dora fala depressa, mas de um jeito metódico, como se tivesse ensaiado. — Na verdade, está piorando com o passar do tempo. E, depois da nossa conversa outro dia sobre você não ter vida amorosa, conversamos entre nós e...

Levanto as sobrancelhas em alerta total. Todos se inclinam e cutucam Dora para ela continuar.

— Ah, fala sério. — Frustrado, Finn deixa o garfo no prato e endireita as costas. — É o seguinte, Libbs, a gente te ama loucamente, mas achamos que você tem uma fixação.

— As roupas néon...

— O cabelão...

— Não é à toa que está solteira.

Os ataques vêm de todos os lados. Inclino o corpo para trás e cruzo os braços, sem saber o que dizer.

— Pensa nisso como... — Dora olha em volta de novo, e todos falam ao mesmo tempo: — Uma intervenção anos 80.

Eu pisco.

— Uma *o quê?*

Dora sufoca a risada.

— Uma intervenção anos 80.

— Simplesmente não podemos...

— Não vamos...

— Não devemos...

— Deixar você completar mais um ano presa na década de 80. Isso *tem que* mudar. — Dora aponta um dedo gorducho para mim. — Você mesma disse.

— E é para o seu próprio bem, de verdade — Dean acrescenta.

— E o nosso, porque não aguento mais esse visual da Madonna no começo de carreira.

— Cala a boca, Finn. — Bato nele. — Olha para você. O que é isso brotando no seu queixo? Sério, alguém pode se esconder nessa coisa. — Ele usa uma barba cheia que não é nada sexy, nem aparada.

— É um movimento masculino, uma tendência moderna, por isso você não conhece, é óbvio. — Finn estreita os olhos e coça a barba.

— Vocês sabem que eu tenho uma loja vintage, não sabem? Lá eu vendo roupas, discos e objetos de coleção da década de 80. Não

tenho *fixação* nenhuma nessa época. Eu ganho dinheiro com ela. — Ninguém fala nada, e eu bufo e ajeito a franja. — É trabalho. É isso que eu faço.

— É o que você sempre fez — Dora responde, arqueando as sobrancelhas. — Você trabalhou na *Pretty in Pink* quando estávamos no ensino médio.

— E depois comprei a loja e ampliei os negócios — falo em defesa própria.

— É verdade — Finn concorda, e Dora olha para ele, irritada. Meu olhar para ele é de gratidão, embora seja breve. — Mas isso? — Ele estende a mão para tocar meu cabelo vermelho Rick Astley e puxa um cacho. Todo esse lado do cabelo levanta em resposta ao movimento. — Eu diria que é *laqué*, mas acho que isso nem existe mais.

— É claro que existe, e nunca vou desistir — aviso com uma nota de atrevimento.

— Bom, isso vai ter que mudar, ou eles vão fugir correndo e gritando — diz Finn, perdendo a referência do meu joguinho de palavras. Rick Astley cantava uma música chamada “*Never Gonna Give You Up*”, “nunca vou desistir de você”. — O cabelão *Uma linda mulher* já era, gatinha. Até a Julia alisou os cachos.

Olho para Dean, mas ele só torce o nariz, enfia um pedaço gigantesco de omelete na boca e balança a cabeça em sinal de concordância. *Sério?*

Espera...

— *Quem* vai fugir correndo e gritando? — Ajeito o cacho quando Dora estende a mão para pegar outro. Empurro a mão dela. — E quem se importa com o que a Julia Roberts faz? É mais fácil assim. Além do mais, ela tem gente para cuidar dela.

— E você também vai ter. — Dean ri com a boca ainda meio cheia. — Eu gosto dos cachos. Talvez seja só dar uma ajeitada nessa bagunça...

— Não — Finn protesta. — Ela precisa de uma transformação completa.

— Uma transformação na *vida* — Dora acrescenta. — Foi o que você disse, Libbs, são suas próprias palavras: “Preciso transformar a minha vida”. Chega de sair com o mesmo tipo de cara.

Sim, eu disse isso, mas...

Baixo as sobrancelhas.

— Eu nem tenho saído com ninguém.

— Esse é o problema. Mas pode acreditar, quando você sai, é sempre com o mesmo tipo. — Dora dá um guardanapo para Dean.

— Totalmente indisponível, recém-divorciado ou separado. Em outras palavras... — Finn balança o garfo como um bastão. — Uma pobre alma torturada.

— A torturada aqui sou eu, gente — resmungo.

— É o seguinte: com base no que sabemos e no que *você* disse, fizemos um pacto — Dora avisa. — Nós vamos te tirar da ferrugem dos anos 80 e te trazer para o século XXI...

— Berrando e esperneando? — Dou um sorrisinho tímido, sem saber se rio ou xingo. Ou os dois. Pego o copo e bebo toda a água. Talvez precise de uma bebida de verdade. — Primeiro, essa foi uma conversa *particular*, Dora; segundo, nós não devíamos estar planejando o seu casamento?

— Ah, tem muito tempo para isso. — Dora e Dean concordam com um movimento de cabeça decidido. — Mas o seu aniversário? Faltam duas semanas, e este ano não vai ter cara feia nem mau humor. Vai ter uma *festa*, Libbs.

— E você precisa de uma companhia *adequada* — acrescenta Finn, e todos concordam com ele.

Agora Dora entrou no modo Dora. Não tem como fazê-la parar.

— Primeiro, cinco encontros da *nossa* escolha, tipos completamente diferentes, todos abertos e disponíveis para um relacionamento de verdade. E vamos torcer para você se abrir e dar uma chance a um deles. Assim ele vai poder te levar para a festa.

— A festa que eu não quero? — pergunto, para fazê-los lembrar.

— A festa que você *vai ter* — Dora resmunga de volta.

Balanço a cabeça com veemência.

— Dora, esquece, está bem? Da última vez que você arrumou alguém para sair comigo, o cara era um *trekkie*. Um *trekkie* — repito, fazendo o gesto ridículo do Spock.

— Como você faz isso? — Dean tenta formar o V com os dedos.

Consigo pensar em um gesto melhor para fazer para ele. Para todos eles. Estou oficialmente furiosa.

Dora levanta o queixo, determinada.

— Tudo bem, leva o Jasper então. Ele te adora. E eu *sei* que você gosta dele.

— E é exatamente por isso que ela não sai com ele — diz Finn.

— Disponível, gosta dela, isso pode virar alguma coisa.

— Não, não é por isso — respondo na defensiva. O Jasper pode até gostar um pouco de mim, mas não, sem chance. — Ele é mais novo que eu, é meu funcionário e gosta do Green Day. Sério, precisa de mais alguma coisa?

Dora levanta as sobrancelhas de um jeito convencido.

Eu baixo as minhas numa reação irritada.

— Escuta, você tem que falar tudo isso de um jeito que a Libbs aprove. *Papo anos 80*. — Finn dá um sorriso malicioso e se debruça sobre a mesa, me encarando. — Tem que falar usando os termos mais simples e as definições mais convenientes, certo, Libbs?

— Não entendi — Dean confessa, olhando em volta à procura de pistas.

— Ah, mas ela entende, e esse é o problema. — O sorriso de Finn se alarga. — Então, minha querida, você vai parar de buscar gente tragicamente indisponível e ter encontros com...

— Um cara inteligente — Dora fala, como se aproveitasse a deixa.

— Um atleta — Finn adiciona.

Dean olha em volta.

— Ah, eu? É, tudo bem: um caso perdido.

— E uma princesa — Finn continua com um dedo erguido. — Ou um cara do tipo metrossexual. A menos que...?

— Não. — Estreito os olhos e balanço a cabeça. — *Nãooo...*

— Não esquece o criminoso — diz Dean.

— Ah, e nós estamos no comando da transformação — Dora avisa e aponta para ela e Finn.

— Quem, você e o quarto membro não oficial do ZZ Top? — Sorrio com sarcasmo e empurro o cabelo arrepiado para trás das ombreiras exageradas. Mesmo que Finn normalmente seja o “Homem Bem-Vestido”, não preciso de seus conselhos. E talvez eu tenha falado para Dora que queria um visual novo, mas não preciso de uma transformação *completa*, preciso? Não acredito que eles estão fazendo isso comigo. Quem deu a eles o direito de me julgar? — Não vai rolar — aviso com convicção.

— Escuta aqui, Libby London... — Dora enfia mais comida na boca, o que não a detém. — Não estou fazendo isso por mim. Estou fazendo por você. Todos *nós* estamos. Nós te amamos, e já passou da hora de você ser feliz.

— Eu *estava* feliz até vinte minutos atrás — falo baixinho, depois olho para meus supostos amigos: o ligeiramente excêntrico, mas socialmente superior Finn; o relaxado Dean; e finalmente a mente diabólica por trás de todo esse plano, Dora, a bomba hormonal.

Ela faz biquinho e junta as mãos sobre a mesa, os dedos cruzados.

— Por favor, por favor, *por favor*...

Meu Deus. Ela vai continuar me atormentando e me fazendo sentir culpada até eu ceder. Meus ombros cobertos por enchimentos enormes caem e eu suspiro.

— *Tudo bem.* Meu Deus, tudo bem. — Concordar e fazer são duas coisas diferentes. Só quero que esta conversa acabe logo.

— Legal! — Dora aplaude, depois se levanta e pede licença para ir ao banheiro. Fico esperando ela levantar o braço e dar aquele soquinho no ar, como Judd Nelson fez em *Clube dos cinco*.

